

## NOTA INFORMATIVA

Nº 05.2020 | 31 Jul 2020

### PIB caiu 1,8% no 1T e registará recessão grave em 2020

Economia petrolífera aligeira quebra mas restante actividade em forte quebra;

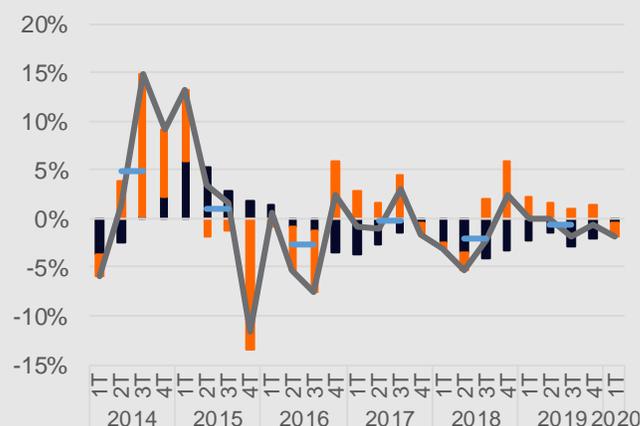
#### A. DESCRIÇÃO

1| O PIB angolano continuou em quebra no 1º trimestre deste ano, com a economia a encolher 1,8% face ao período homólogo – um agravamento face aos -0,6% yoy verificados no último trimestre de 2019. Trata-se do 3º trimestre consecutivo de declínio. Do lado do sector petrolífero, registou-se a menor quebra homóloga desde o final de 2017, com o sector a cair 1,7% yoy. Porém, o proxy utilizado para aferir o andamento do PIB não-petrolífero aponta para a primeira quebra desde o 2º trimestre de 2018, em cerca de 1,8% yoy.

2| É importante referir que os dados anteriores sofreram revisões significativas, com o INE a revelar uma quebra mais ligeira da economia angolana em 2019 (-0,6% face aos -0,9% inicialmente previstos). Os dados foram revistos em alta para o 1º, 2º e 4º trimestres com uma estagnação (0%) da economia nos dois primeiros trimestres e uma quebra homóloga no 4º trimestre de 0,6% (-0,8% anteriormente). Por outro lado, houve uma revisão em baixa no desempenho da economia no 3º trimestre, que contraiu 1,9% (-1,2% anteriormente).

O PIB caiu pelo 3º trimestre consecutivo; economia não-petrolífera voltou ao vermelho

Variação yoy, Contribuição para a variação homóloga



\* Proxy: PIB subtraído do PIB petrolífero

Fonte: INE

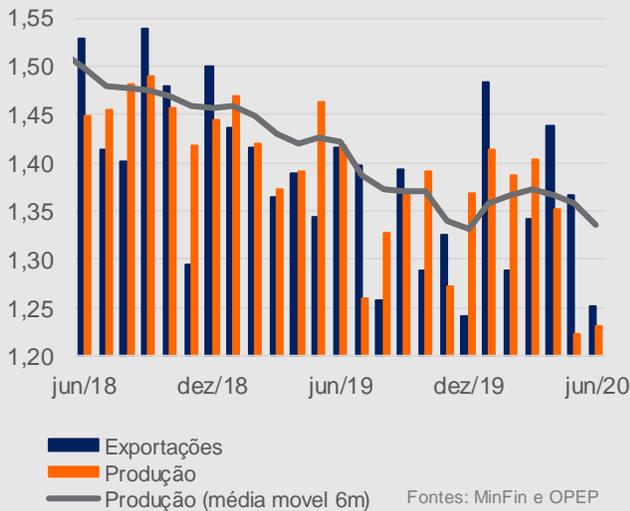
#### B. ANÁLISE

1| Apesar da continuada quebra da economia petrolífera, o ritmo de quebra foi bastante menos acentuado no início de 2020, que acompanhou uma descida menos acentuada do volume de produção petrolífera. O PIB petrolífero contraiu 1,7% - a menor contracção desde o último trimestre de 2017. A quebra é consistente com a diminuição no volume de exportações reportado pelo MinFin: no 1T 2020, registou-se um volume médio de 1,39 milhões de barris diários (mbd), em exportações, cerca de 1,4% a menos do que os 1,41mbd exportados no 1T 2019. Esta evolução está mais ou menos em linha com a previsão do BFA, que esperava este ano um decréscimo ligeiro da produção petrolífera, em resultado de alguns novos investimentos no Bloco 15.06 e da comparação do Bloco 32, cuja 2ª fase entrou em produção a meio de 2019, com a produção menor no 1º semestre de 2019, quando se encontrava apenas Kaombo Norte em produção. De facto, o aumento na produção do Bloco 32 ocorreu efectivamente (+0,13mbd face ao trimestre homólogo), mas não se verificaram aumentos na produção do Bloco 15.06. No 2º trimestre, a quebra económica no sector petrolífero terá sido bastante mais acentuada, devido à entrada em vigor do novo acordo da OPEP+. De acordo com os dados do Ministério das Finanças, as exportações de crude terão diminuído cerca de 2,3% yoy neste período, com o início do efeito a sentir-se em Junho (-11,6% yoy); outros dados apontam para uma

quebra muito mais pronunciada, acima de 7% yoy entre Abril e Junho. No 2º semestre, a economia petrolífera deverá continuar em quebra, porventura de maneira mais moderada do que no 2º trimestre.

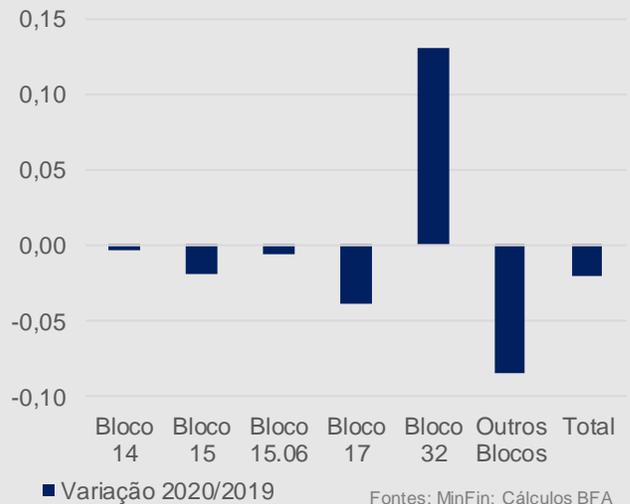
### Produção de novo a diminuir depois de um início de recuperação nos primeiros meses de 2020

Milhões de barris diários



### No 1T2020, o Bloco 32 foi o único cuja produção cresceu em relação ao período homólogo

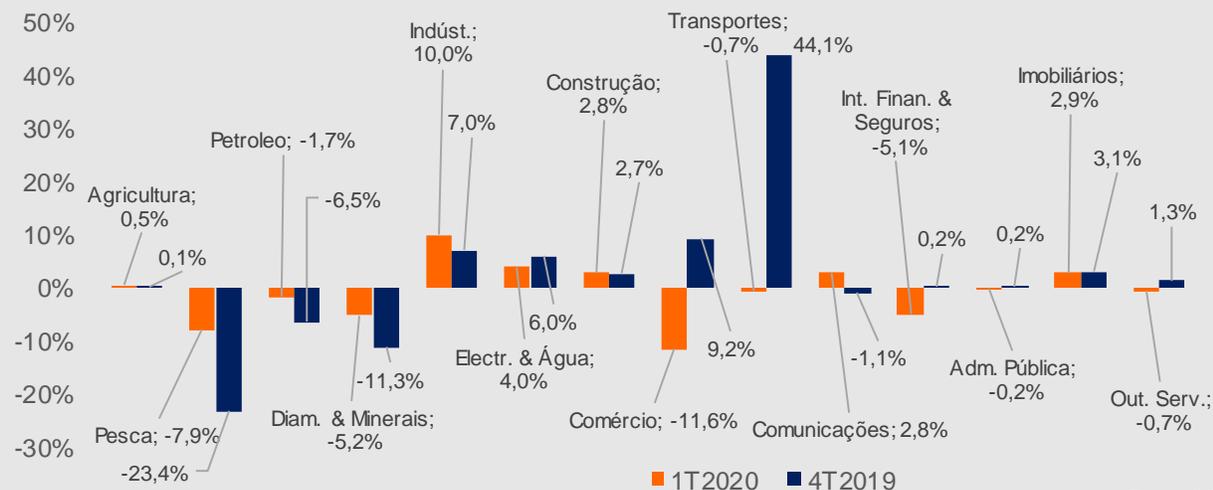
Milhões de barris diários



**2| O sector não-petrolífero deverá ter contraído no 1º trimestre, sendo bastante prejudicado pela diminuição de receitas petrolíferas, fruto da redução do preço do Brent, e do impacto dessa redução no câmbio (pelo menor fluxo de divisas), e na menor disponibilidade para gastar do Estado; por outro lado, ter-se-á registado também o impacto das medidas de confinamento.** O Comércio (o sector com maior peso no PIB, excluindo os hidrocarbonetos) registou a maior contracção desde o 3º trimestre de 2016 com uma quebra de 11,6% yoy. O sector da Construção (3º maior sector), ainda assim, cresceu pelo 7º trimestre consecutivo (+2,8%), enquanto o sector da Administração pública uma contracção de 0,2% pelo 2º trimestre consecutivo. Nos primeiros 3 meses do ano, o sector da Indústria Transformadora observou o melhor desempenho desde o final de 2016, com a actividade a aumentar 10% yoy. De igual modo, o sector das Comunicações registou o primeiro

### Actividade económica no sector petrolífero com quebra menos gravosa desde 4T2017 ; Comércio com maior quebra desde 3T2016

Variação homóloga em percentagem



aumento homólogo após um período de quebra contínua em 2019. Em sentido oposto, o sector das Pescas (2% do PIB angolano) registou uma contracção pouco inferior a 8%. A nossa perspectiva é de que 2º trimestre tenha sido significativamente mais gravoso, em particular para o sector da Construção. O desempenho no 2º semestre está ainda bastante dependente da evolução da pandemia em Angola, sendo que os acordos de moratória de dívida e a estabilização da relação com o FMI e as outras agências multilaterais poderá dar condições para um início de recuperação económica.

**3| 2020 deverá assim ser um ano bastante complicado para a economia angolana, esperando-se que a actividade económica tenha a maior contracção desde 2008, Ainda assim 2020, é esperado que a economia angolana vá ter a sua maior contracção desde a guerra civil, possivelmente superior a 5%.** Com os acordos estabelecidos entre a OPEP e seus parceiros (OPEP+), é esperado que a produção petrolífera continue em quebra homóloga, enquanto a procura por essa *commodity* não volte a níveis pré-pandemia. Por outro lado, os efeitos anteriormente descritos da baixa do preço de venda do petróleo manterão a economia não-petrolífera em condições muito difíceis.

### Caixa 1 – Avaliação do FMI com decisão adiada para meados de Agosto

**O FMI adiou a decisão prevista para ontem sobre a 3ª avaliação do Programa de Financiamento Ampliado – segundo a Bloomberg, a decisão terá sido adiada pelo menos até à 2ª quinzena de Agosto, altura em que o Conselho Executivo do Fundo se voltará a reunir.** Em causa, deverá estar as questões relativas aos acordos de moratórias de dívida com credores. Segundo declarações da Ministra das Finanças, há já acordo entre Angola e um credor, para além de estar prevista a adesão à iniciativa de suspensão de pagamentos da dívida bilateral a membros do G20 (DSSI); porém, também segundo a Ministra, há ainda negociações em curso com outros dois credores. Trata-se de um adiamento bastante prejudicial para o país, já que o desbloqueamento desta avaliação poderia trazer cerca de USD 0.8MM em financiamento orçamental (incluindo 0.35MM decorrentes de um alargamento do empréstimo), e em moeda estrangeira, providenciando também divisas ao país. Além disso, a decisão do FMI poderá condicionar a decisão de outras agências multilaterais, como o Banco Mundial, que também se espera vir a desembolsar um montante em apoio orçamental este ano (o montante previsto era de USD 0.5MM, que poderá também ser alargado). Nesse sentido, o atraso deste apoio orçamental agrava as questões de liquidez do Tesouro; de maneira similar, um atraso na entrada destas divisas impede o alívio de alguma pressão existente para depreciação no mercado cambial, numa altura em que as divisas a entrar por receitas petrolíferas estarão ao nível mais baixo de 2020.

## C. CONCLUSÃO

**1| No 1º trimestre de 2020, o PIB de Angola registou, em termos homólogos, uma quebra de 1,8% face ao 1º trimestre de 2019.** O sector petrolífero teve a sua quebra menos acentuada em 2 anos (-1,7%); porém, sem sentido contrário, a economia não-petrolífera terá voltado às quebras homólogas, depois de vários trimestres em que terá crescido, de acordo com os cálculos do BFA, baseados nos números do INE.

**3| Para a totalidade do ano, o BFA prevê uma forte recessão do PIB angolano, com a economia petrolífera a sofrer da quebra na produção – condicionada pelo acordo com a OPEP+ e decisões voluntárias de adiamento de investimentos -, e a economia não-petrolífera a ser muitíssimo condicionada pela depreciação cambial e pela necessária redução nos gastos do Estado.** O andamento da economia estará, além disto, também dependente da evolução futura da pandemia (em Angola, e no resto do Mundo, devido aos efeitos no mercado petrolífero) e das negociações com credores e com os parceiros multilaterais (FMI e Banco Mundial), que determinarão o espaço orçamental para o Tesouro (que permitirá assim mais ou menos investimento público, por exemplo), e eventuais entradas adicionais (ou menores saídas) de divisas, o que por sua vez pode diminuir bastante a pressão para a depreciação do Kwana.

Esta publicação destina-se exclusivamente a circulação privada. A informação nela contida foi obtida de fontes consideradas fiáveis, mas a sua precisão não pode ser totalmente garantida. As recomendações destinam-se exclusivamente a uso interno, podendo ser alteradas sem aviso prévio. As opiniões expressas são da inteira responsabilidade dos seus autores, reflectindo apenas os seus pontos de vista e podendo não coincidir com a posição do BFA nos mercados referidos. O BFA, ou qualquer afiliada, na pessoa dos seus colaboradores, não se responsabiliza por qualquer perda, directa ou potencial, resultante da utilização desta publicação ou seus conteúdos. O BFA e seus colaboradores poderão deter posições em qualquer activo mencionado nesta publicação. A reprodução de parte ou totalidade desta publicação é permitida, sujeita a indicação da fonte. Os números são expressos utilizando o ponto como separador de milhares e a vírgula como separador decimal e utilizando a designação de “milhar de milhão” para  $10^9$ .